

anxa
91-B
10683



BARCELLOS

GUIA ILLUSTRADO

POR

JOAQUIM LEITÃO



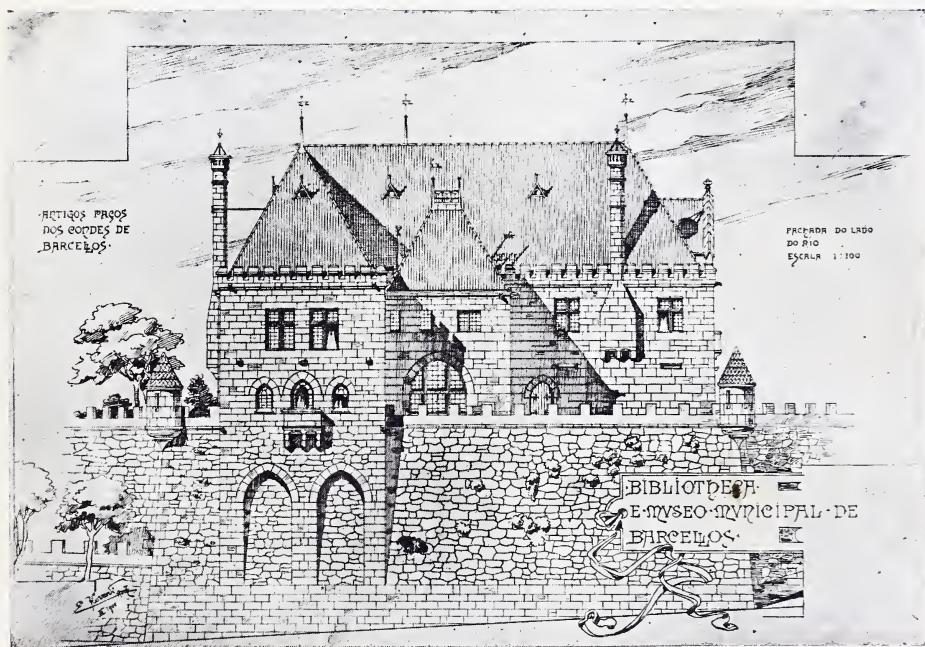
Digitized by the Internet Archive
in 2016

<https://archive.org/details/guiaillustradode00leit>

JOAQUIM LEITÃO

GUIA ILUSTRADO DE

BARCELLOS



Planta da reconstrução dos Paços dos Condes de Barcellos — Projecto Korodi

Obras originaes de JOAQUIM LEITÃO

O Almirante dos Mares Orientaes — 1898, S. Paulo — Brasil. — 3.^a edição. Esgotada.

A Peste — Pamphletos, 1 vol. collecção completa, 500 reis — 1899-1900. — Lisboa.

Do Civismo e da Arte no Brasil — 1 vol. 1\$000 reis — 1900 — Lisboa.

Os Filhos de Ignez de Castro — Em collaboração com Faustino da Fonseca — 1 vol., 800 reis — 1905 — Lisboa.

D. Carlos o Desventuroso — 1 vol., 600 reis — 2.^a edição — 1908 — Porto.

Povoa de Varzim — (Guia Illustrado), 1907 — Porto.

Caldas de Vizella — (Guia Illustrado), 1907 — Porto.

Guia Illustrado da Foz, Mattosinhos, Leça e Lavadores — 1907 — Porto.

Guia Illustrado de Barcellos — 1908 — Porto.

NO PRÉLO:

O Varre Camellos — Novella.

Os culpados — Contos.

Trilogia de romances sociaes.

Obras traduzidas:

A Resurreição dos Deuses (Vida de Leonardo de Vinci), por Dimitri Merejkowski. 1902 — Lisboa.

Collecção Tolstoi:

A Felicidade Conjugal, 1904. 1 vol. 600 reis.

As memorias do Conde Leão Tolstoi em tres novellas:

A Infancia. 1904. 1 vol. 300 reis.

A Adolescencia. 1904. 1 vol. 300 reis.

A Mocidade. 1905. 1 vol. 500 reis.

Os Cosacos. 1905. 1 vol.

Polikouchka — 1 vol. — 1906.

Sebastopol — 1 vol. — 1906.

Os Cavalleiros da Guarda — 1 vol. — 1906.

A Morte — 1 vol. — 1907.

Correspondencia de Tolstoi — 1 vol. — 1907.

Collecção Paulo Mantegazza:

Os Caracteres Humanos. 1904. 1 vol. 700 reis.

O Elogio da Velhice (com uma carta em *fac-simile* de P. Mantegazza dirigida ao traductor). 1905. 1 vol.

Collecção Dubuť De Laforest:

Os Escandalos de París. Obra de costumes parisienses, magnificamente illustrada, em publicação. Já postos á venda 10 vol. a 200 rs. cada. Lisboa, 1904-1905.

BARCELLOS

Casal de guerreiros, ninho de poetas, berço de reis, Barcellos é um dos primeiros senão o primeiro amor do seu enamorado Cavado.

Elle, o Rio, descendeu das calósas montanhas, andou ao côlo das estrellas, amamentou-o a neve, apaixonou-o o freixo, o salgueiral e o ôlmo; ella, a villa, tem antepassados na lenda, foi dada á luz na noite das edades por onde a sua linhagem enlabyrinthica, rindo-se das migalhas de hypotheses ¹ com que vamos rastreando o chão para nos assignalar a porta da certeza.

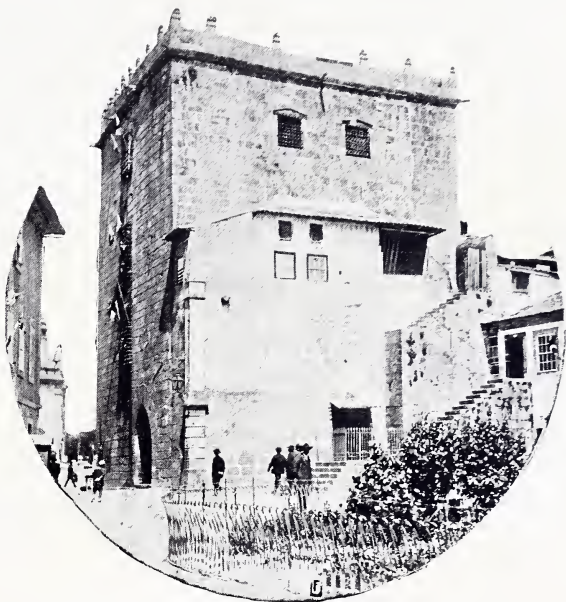
E ambos ao encontro um do outro, hora descendo um, hora subindo o outro, — enlêvos que flexionam corações, beijos que sublimam labios — ambos se nobilitam, que na casta trabalha constantemente, como o fio d'um fuso a avançar, a recuar, a razão crescente que dignifica plebeus, a razão decrescente que ferretêa fidalgos.

Todos os dias derrocam solares e alteiam cabanas.

Pedra d'armas ou pedra d'açude tudo é a mesma areia geologica.

Ponto está que um passado de esplendores não venha a ser representado por um presente tenebroso.

Ora Barcellos podia hoje ser nascida d'um berço humilde que, vendo-a lidar, vencer, quem quer fiaria d'ella um braço.



TORRE DA PORTA NOVA

¹ Felix Machado, Marquez de Montebelo, nas suas *Notas ao Nobliario do Conde D. Pedro* filia Barcellos em *Barracellos*, derivado de *Barra Celani*, isto é, *Barra do Rio Celano*, declinação remota de *Rio Cavado*, cujas aguas separam Barcellos de Barcellinhos. Mas outros veem e aventam que antes dos romanos haverem conciliado os dois visinhos, no abraço graniteo da sua ponte eterna, uma barca — a *Barca Celi* — andava de lá para cá, correspondendo-os. E que por isso ficou na memoria dos homens este verso:

Á Barca Coeli Barcellos nomen dicunt

que rememóra em portuguez:

Dizem que do nome da Barca do Céu vem o nome de Barcellos, traduz na *Memoria Historica da Vida de Barcellos, Barcellinhos e Villa Nova de Famelicão*, o abba de do Louro.

D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Braga, toma-a pela *Ambracia* dos grêgos. (1150 A. C.), de-

O seu tanto trabalhar dirá que é uma pobre de Cristo ; quando ella herdou uma boa casa, tão grande, tão grande que com as suas sobras creou um concelho e arredou outro. ²

E não fôra ella tão rica e azada a cubiças, que não a toparia Duarte d'Armas guardada de muros, de fossos e contra-fortes no seculo xvi.

Das quatro torres a que amarrava essa muralha de defensam com que o 1.º Duque de Bragança enfaixou Barcellos em pequenina, só uma sobrevive, rija, desempenada, sem lhe faltar um unico dente á sua corôa d'ameias, nem que por ella não houvesse passado a animadversão de cinco seculos.

É a Torre da *Porta-Nova*, um só corpo quadrangular, que ainda no seculo xix ouvia ás noites os mercadores da visinhança resar o terço, em gloria de Nossa Senhora d'Abbadia que, do cimo da Porta, abençoava quantos penetravam a villa por essa servidão, e hoje — deposito de condemnados — apenas ouve o grito das suas sentinellas.

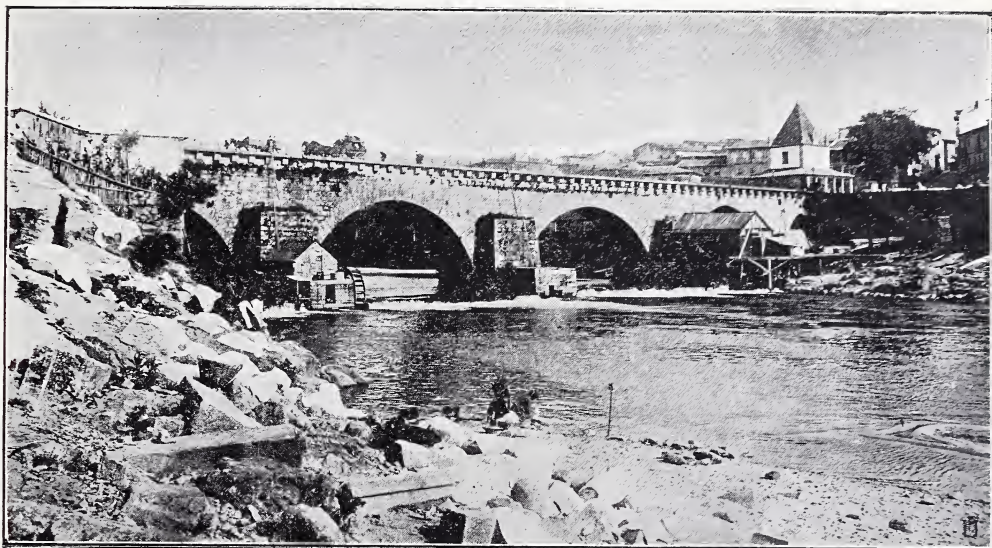
Comtudo, velhinha como é, ainda ampara contra si casaria moça, que já vem mais fraca do qu'ella, e ainda no passado 3 de maio pôde connosco ás cavalleiras para nos mostrar a Villa de Barcellos — paciente avô levantando nos braços um netito para lhe dar a ver uma procissão ou um panorama que a multidão encobre á tarréquice do petiz.

Nos seus tempos um dos pontos do polygono envolvente, a Torre é hoje o centro da terra barcellense, a melhor vigia, portanto, donde a retina lhe espie as suavidades, lhe levante a carta chorographica da descriptiva e lhe alveje, com a flecha do enlevo, os seus contornos.

Sobe-se a escuridão presidiária dos tres andares, trépa-se por uma escada vindimeira até ao postigo recortado na sub-telha, enfia-se por esse buraco destacando com a cabeça calica e terra dos ultimos ventos, rebatendo com o corpo as teias de aranha do urdimento ; e, surrados, enfarruscados que nem limpa-chaminés, d'essa meia tréva de porão, onde tresanda ao azêdo dos carcereiros, ascende-se por fim a um desaffôgo de horizontes com alleluias de céu,



A caminho da Romaria — ALTO DO TAMEL



PONTE DE BARCELLOS A BARCELLINHOS

liberdades plainas, refúgios enternecidos de montes, sêdes d'agua e sombras de latada, em torno.

Lá, encarrapitados á laia de rapazio em dias de desfile, entra-se a inventariar a scenografia, mão em pála alpendrando a vista por môr do sol que já vae re florindo de esperanças os bordões peregrinos da vinha.

E Barcellos revêla-se-nos, então, em disco, como se d'um globo de cartão traçassemos um horizonte visual para a demonstração da espheroicidade da terra.

Murando o horizonte, ronda, de atalaya, uma zona peripherica, engrenada de sêrros, tratados e ferteis, em cujos verdes nem sempre a luz bâte firme e que n'essas horas veladas perdem a sua alacridade de granjas para esmorecer n'uma diffusão que as carbonisa, inté lhes deitar ao de riba um desolador aspecto de lapa.

Desde o monte da Franqueira, ainda com pedras do cavalleiresco Castello de Faria, até dar no monte d'Ayró, que pranteia na ruina do seu mosteiro a grandeza da fé que floriu a rocha, do sul p'ro nascente vae-se riscando, pelo tino, o circulo

generada em *Bracia do Celano Barcellano e Barcellos*. Para Antonio de Villas Boas Sampaio ella é filha d'uma tribu de *Cilenos* (Gallo-celtas) que 930 a. A. C. por aqui acamparam, chamando Celano ao rio e *Barcilenos, filhos dos cilenos, a Barcellinhos*; para Rodrigo Mendes da Silva, que lhe encontra no nome ressaibos de Barcelona, é um fructo dos Carthaginezes Bacinós, 230 annos A. C. ou do seu chefe *Amilear Barca*.

Sêccos todos os ramos da arvore celta, trepam os lenhagistas á arborescencia dos romanos, dando aos soldados do imperio a honra da progenitura e padrinhagem de Barcellos, suppondo-a a antiga cidade romana *Agua Celenas*.

N'esta hora, porém, de concretisação e de documentação, todas as lyricas hypotheses filogicas são desdenhadas e trocadas pela prova archeologica, em que se estriba a opinião de José Augusto Vieira, no *Minho Pittoresco*, II vol. pag. 118, de que a primitiva Barcellos, longe de ser onde é hoje. demorasse «no alto da *citania* de Roriz, monte que fica sobre a margem direita e a cavalleiro do Cavado, uma legua quando muito da villa, para nascente. N'esse monte, mysterio de terra e gra-

cortical: o Bom Jesus de Braga, por cujo pendore as manhãs lípidas vêm o funicular grimpar; o Sameiro alvejando na tradição negra da Falperra, Midões, Roriz promettendo confiar-nos os seus segredos prehistóricos, a Alheira, o repousante valle do Tamel, St.^a Leocadia, Quintiães e o Monte dos Feitos.

Parallelo ao arco que da Franqueira ao Tamel passa em Roriz, rastreia a estrada da Povia e Villa de Conde, mirando-se na fradesca serenidade do Cavado.

Normal ao outro arco, a estrada de Espozende, aos SS como cyclista novato.

Depois, nos círculos concentricos, as linhas envolvidas são cada vez mais fixas e mais claras até verdejarem nas terras de pão, cantarem nas vergas dos bardos.

E, por entre esse bucolismo que aqui toma o maior espaço, o espaço sagrado que as cidades esmagam com a sua hyper-densidade populatória e envenenam de luzes, de doenças, de trapos; por entre essa fartura agrícola que em cada socalco contém uma amostra do jardim minhôto, perfurando a verdura, acotovellando arvoredos, furtando por onde quer um pouco de luz á cellula vegetal, espicham, como pescôços, pinhas de cornijas nobliarchicas e brandões de cantaria sácras, beiraeas melancólicas de telhados, a cal e a ôcca das fachadas dos solares e dos corpos das torres a apologar o esplendor do chlorophilino mundo.

Ao acaso, circumvagando, o resto traz-se n'uma abada: a matriz de Barcelinhos, as quatro paredes solarengas dos condes-duques de Barcellos, careadas e tristes, as ameias do palacio municipal, encostadas, na ficção da perspectiva, ao panno lateral da Collegiada, a grade d'um mercado, leitos de ruas quadriculando o povoado como pautas muito grossas pelas quaes se vae trémulamente alinhando a casaria, já alta ás vezes, já cidadina, já indistincta, já monotonamente civilisada, por entre a qual, de quando em quando, esvoáça a pluma d'um braço ou mesúra um arco.

Olhando a pique, como quem mede assustado a altura a que se encontra, parece lá de cima que mesmo chegado á torre, e com effeito, a poucos metros, rumoreja a nôrte o chão onde outr'ora comeu um soute que as Freiras de S. Bento e os Capuchinhos começaram, com seus mosteiros, pelo norte e nascente, a limitar em terreiro, acabado pelos Senhores da Camara e pela Fé popular, aquelles murando o Sul com o *Pusseio das Obras* (paredão de cantaria com seus poiaes de disfrute onde a desconfiança rustica bate a moeda da feira), a Fé assignalando o poente com o octogono de St.^a Cruz.

Entre esse chão e a *Porta-Nova* armava Barcellos, nos seus principios, as tendas da sua feira semanal que cabia aqui a um canto, agachadinha ao pé da torre; depois, a villa cresceu, a população do termo inchou, a permuta entrou tambem a botar corpo, e o Municipio gizando um chafariz — concorrida taberna de burricos — no centro do Campo já desassombrado de castanheiros, passou para lá a Feira.

« nito, encontram-se evidentissimos vestigios de uma população antiquissima, celta ou romana, quem o sabe, talvez uma e outra cousa, como na citania de Briteiros, mas que em todo o caso deverá ser consideravel, attendendo á extensa área que esses vestigios occupam. D'ahi viriam as familias, que fundaram a Barcellos actual... »

No fim de tudo isto, paira, sobre a origem de Barcellos a mesma escuridão de duvidas. Mas nem tudo se perde! N'esse monte de cinzas acende-se o lume d'esta certeza: que Barcellos é, de feito, uma das mais antigas povoações luso-romanas. E que é uma das povoações mais antigas da monarchia portugueza e que a sua vida andou sempre casada ás aguas do seu Cavado, duas ordens de documentos o ratificam — o seu primeiro foral e a letra do seu braço.

2 (Pag. 4) A comarca de Barcellos já dominou area muito maior que a de hoje: conteve o recente concelho de Espozende, algumas freguezias de Braga, da Povia, e ainda hoje, depois d'esses desfalques, rége noventa e duas freguezias.

Assim se fundou o *Campo da Feira* que as quintas de cada semana edificam e povoam, trazendo-lhe a animação do seu gado, a candura da olaria regional, o sympathico archaismo das alfaiais de ferro para cosinha e lavoura, o colorido ingenuo das mantas de farrapos, o apetite das hortaliças e a fartura cerealífera, em machos ou em carros de bois que, desajugados e vassios, de vara ao alto, se perfilam n'um alinhamento marcial de carros boers guarnecendo a face d'um bivaque.



FACHADA DA COLLEGIADA

E' o dia grande, o S. Miguel, o festival e o inferno de Barcellos, dia em que se compra e se vende para a semana toda, em que o medico cura por informações do doente que ficou na aldeia, em que se consulta o advogado e se vae á Fazenda, á Camara e á Parochia, acompanhado e guiado pelo chefe politico de cada qual, — emfim, o Dia de Feira, identico em todo o paiz e igual em todo o Minho.

Na quarta-feira, por tarde, começam desde as duas a chegar os carreiros; e toda a santa noite calcam os penetraes da villa novas rodas ruraes.

E' uma vellada em que mal prova do somno quem pousar ali pelas proximidades da *Calçada*.

D'ahi p'ró dia, o rumor sóbe com o sol.

Rumor ao principio feito de passadas, de bater de sóccos, de estímulos ao gado, de topadas dos carros nas sub-ródas, multiplica-se ao deante pelo falatorio das mulheres entre-narrando-se os seus atrazos, as suas quesilias e os seus males, pelo pregão das raparigas dos tremoços e o apêllo das da louça, pelo desordenado vozeio de freguezes e vendedeiras maralhando o negocio.

Ao bater do meio-dia, o arruido esmorece n'um sussurro, 'té que a derradeira badalada de todo domina a insurreição do silencio que nem o frio da noite agonizante nem a torreia da manhã haviam movido á rendição.

Os chapeirões cambam das farripas para o peito; sob o docél das arvores como ao desabrigo do sol, onde calhar estar a essa hora, a chusma estaca paralyzada e temerósa a elevar as suas graças!

E' como se uma syncope cardíaca cortasse o respiro ao nucleo ou como se pelos tres reinos da criação se houvesse entornado a paz absoluta.

O ponderoso aviso das torres, rebate de morte para o mercado, reconduz Barcellos ao seu trem de vida ordinario, em que — com a serventia do seu rio sussurrante, a frescura dos seus portaes nobres, as suas fachadas venerandas, os seus arvoredos circuitando ruas varridas e pouco passeadas — alembra, semana adeante, a cerca d'um mosteiro onde raro monje atravessasse do côro para o refeitório.

E este aspecto aguarda fiel a seguinte quinta-feira em que pelas portas da villa volvem, invasores, o movimento e o apertão.

Mas estamos a um domingo de maio, incendiado por um calor de pyra, e o *Campo da Feira* vae partilhado de barracas de *Cómes e Bêbes*, de sumnarias lojas de tamancos, de mezas de cotins e montes de ferragens, entremeados com manadas de carga e tiro, e de vehiculos, desatrelados, de museu.

Uma unica vez no anno, fóra da classica quinta-feira, isto assucede: na *Festa*

das Cruzes, em que a fraqueira do mercado agricola é coberta pela gala rustica dos plyntos e das aranhólas de illuminação, em que não falta povo nem generos nem poeira nem reboição nem mosca fresca abundantemente chegada pela manhã no cangóte dos bois e na crina dos machos, mas em que o *Campo* tem mais um aspecto de arraial, do que de Feira donde a gente levanta para ir, nós o vemos daqui, ajoelhar a St.^a Cruz.

Foi, justamente, n'este Campo e no chão venerado d'esse templo que, ha cinco seculos, o sapateiro João Pires teve a visão de uma crus preta «de tres covados, & meyo em comprido, & dous covados, & tres quartos em ancho, & de largura a quadra della de hum palmo & em todo por igual.»³

«O povo cavava, tirava a terra e logo a cova se tornava a encher».



PORTICO DA COLLEGIADA

Ila quem olhe a apparição das Cruzes — que o povo não quer que haja sido uma, antes muitas, — como «cruzamentos de veias anegradas d'argilla schistosa, carregada em geral no escuro, e de mediana dureza. Vêem, apenas, n'estas veias anegradas, ramificações concomitantes dos schistos carbonosos do sitio da Terra-

3 Nota: — TRATADO PANEGYRICO EM LOVVOR DA VILLA DE BARCELLOS, POR REZAM DO APPARECIMENTO DE CRVZES QUE NELLA APPARECEM, composto Pello p. fr. Pedro de POYARES. Coimbra, Anno de 1672.

negra, a que atravessa a estrada publica entre Braga e Porto ». ⁴

O povo na apparição das Cruzes viu Deus.

E logo defendeu e fioriu esses covados de milagre, com uma cerca de pedrinhas onde signalá-va, ás trindades, o oleo da fé.

A fama do divino signal correu, alteou, os crentes do phenomeno foram fazendo monte e amontoando-se foram bem assim as pedras do murado até a altura d'uma ermida, subindo até á pripianha d'uma

egrejinha, ascendendo até esse actual zimborio de Santa Cruz, vindo a ser hoje, a crença das Cruzes, de pedra e cal, como o mesmo templo.

A ella se reduzem as romarias do concelho, a ella se reportam todos os anniversarios, tenções e destinos da familia rural.

Com ella se gastam as economias da colheita e com ella se apégam dôres de entrevados e sonhos de môços. Para as cruzes ficaram addiadas merendas, offer-tas de gado e pedidos de amor.

O Solar dos Pinheiros, as ruinas dos Paços dos Condes-Duques, o casal de Nun'Alvares cujas armas na testada humilde a cal crininosamente obturou, os capiteis da Collegiada e os azulejos do Terço; todos esses miliarios da historia barcel-lense o concelho e circumvisinhanças ignorará. Agora que, n'uma dada sexta-feira, Nosso Senhor traçou com seu dêdo omnipotente o symbolo do seu martyrio, isso não ha velho nem novo que o não saiba, o não creia e o não venére.

E é expressamente para beijar os pés do Senhor da Cruz que pés de cachopas que nunca padeceram o captivo d'uma malha d'algodão, ao chegar á barreira, pousados os cestos de quatro azas e os manachos, calçam umas meias brancas, que tres districtos, mal luziu o buraco, deitaram a jaquêta e a vara ao hombro, que se perdeu o amor a umas corôas, se assassinou muito gallo e emolou muito cabrito.

Estrada de Ponte do Lima em fôra, a manhã encontra o Minho todo, direitinho a Barcellos: as eguas dos abbades, grossos reverendos já de barba feita e missinha no pápo; *chars-à-bancs*, com seus tejadilhos a tremelicar como coifado de velha; bandos campestres com jardins desabrochando de cada lenço, em cada corpête um pomar; cyrios pagãos de viannezas e de mulheres de Villa de Punhe, d'oval judio e



AZENHAS

⁴ Nota:—Relação Historica do Que fizeram os Moradores de Barcellos, desde o dia em que Na Villa Aclamaram D. João IV Apenas Sabida a Restauração Da Capital Em 1 De Dezembro De 1640, Até o Último De Janeiro de 1642: Pelo licenciado Manoel da Rocha Freire. Precedida d'uma noticia geral da Villa de Barcellos, escripta pelo Professor Pereira Caldas. (Raridade Bibliographica) manuscripto do seculo XVII, impresso em Braga, Livraria Internacional d'Eugenio Chardron, 1871.

olhos gulosos, chacoteando o trajecto com suas danças de ródá e tanger de adufe, primavera nos trajes e estival nas vozes, encannecendo ao pó, rejuvenescendo á luz.

Até o meio-dia ainda se feira. Mas, ninguém tem socêgo p'ra mercar nem p'ra vender, e ao dar das doze badaladas, as vendedeiras são as primeiras que levantam do *Campo da Feira*, põem o *estabelecimento* á cabeça das moças, saêm para o termo com o cesto da fatiota festeira e, a recato de qualquer ansa do caminho, desvestem-se e enfiam a melhoria, expõem as inculcas e os grilhões, cumprem a penitencia de calçar um par de meias e dão, então, entrada na Villa como romeiras, com uma pompa que o *Campo* nunca viu, nem mesmo em certa hora do sec. XVIII em que, para o remanso do seu mosteiro, por'li passaram as liteiras das freiras de S. Bento.

Depois é orar e amar.

Touros, festivaes, cortejos, todo esse triplo programma das *Cruzes*, com suas



ASPECTO DA FEIRA DAS CRUZES

horas escravisantes, seus assaltos de barricada ás mezas-redondas dos hoteis, tudo isso fica p'rós *casacas*, p'rós dos automoveis e das luvas.

Aos *jaquéas*, á aldeia, ao romeiro que se préza, basta a visitaçáo ao Senhor da Cruz, uma volta pelo *Campo da Feira* a apalpar o preço do milhão ou da batata, a fiel companhia d'uma merendóla e... e o derriço!

Do meio dia em diante, contando os pares que as *Cruzes* vão abençoando, o Bom Jesus da Cruz e o Rei de Portugal já podem contar quantos vassallos mais terão d'ali a dez ou onze mezes.

Nascido do amor d'um Deus, o Milagre géra o amor d'um Povo.

GUIA DE BARCELLOS

Meios de comunicação: — Para transpôr os 52 kilometros que separam do Porto esta formosa villa da provincia do Minho, debruçada sobre a margem direita do Cavado, tem o forasteiro ás suas ordens a linha da Companhia de Caminhos de Ferro do Minho e Douro, sobre cujo serviço lhe proporcionamos as seguintes informações já bastantes completas:



OUTRO ASPECTO DA FEIRA DAS CRUZES

Horario dos comboys entre Porto e Barcellos

N.º dos com- boyos	ASCENDENTE			N.º dos com- boyos	DESCENDENTE			<p>a) Aos domingos e dias santos, este comboio (7) só se effectua do Porto a Nine; os passageiros que vão além d'esta estação, tomam o comboio n.º 9.</p> <p>b) Este comboio só se effectua aos domingos e dias santos nos mezes de maio a outubro.</p> <p>c) Este comboio não se effectua aos domingos e dias santos. E' substituído pelo comboio n.º 10.</p> <p>d) Este comboio só se effectua aos domingos e dias santos nos mezes de maio a outubro.</p>
	Partida		Chegada		Partida		Chegada	
	Porto	Cam- panhã			Bar- cellos	Cam- panhã		
7 (a)	MANHÃ 4,45	MANHÃ 5,01	MANHÃ 7,24	2	MANHÃ 6,17	MANHÃ 8,22	MANHÃ 8,35	
9 (b)	7,10	7,18	8,53	12	8,16	9,42	9,51	
1	8,05	8,22	10,11	4	11,17	TARDE 12,36	TARDE 12,45	
3	TARDE 12,10	TARDE 12,20	TARDE 1,38	6	TARDE 5,19	7,05	7,21	
11	4,30	4,37	5,55	8 (c)	7,38	10,06	10,20	
5	6,05	6,20	8,26	10 (d)	9,20	11,00	11,08	

Preços dos bilhetes ordinarios, simples ida, entre Porto, Campanhã e Barcellos ou vice-versa:

Porto a Barcellos — 1.^a, 1\$040 — 2.^a, 810 — 3.^a, 570.

Campanhã a Barcellos — 1.^a, 1\$000 — 2.^a, 780 — 3.^a, 550.

As crianças de 3 a 7 annos, pagam metade do preço.

Bagagem: bilhete inteiro, 30 kilos; meio bilhete, 15 kilos.

Preços dos bilhetes de ida e volta, validos por um dia, com a faculdade de fazer duas ampliações de um dia cada, mediante o pagamento de 10 % sobre o preço:

Porto a Barcellos — 1.^a, 1\$650 — 2.^a, 1\$230 — 3.^a, 910.

Campanhã a Barcellos — 1.^a, 1\$590 — 2.^a, 1\$270 — 3.^a, 880.

Bagagem: 30 kilos. Não ha meios bilhetes. Os bilhetes vendidos aos sabbados ou vespas de dias santos são validos, para regresso, até segunda-feira, ou até ao primeiro dia util depois de um ou mais dias santos. Os bilhetes vendidos na quarta-feira de Trevas são validos até segunda-feira, de Paschoa; vendidos em sabbado gordo, valém até quarta-feira de Cinza.

Bilhetes de banhos validos por 60 dias, à venda desde 15 de maio a 31 de outubro:

Barcellos ao Porto (sem reciprocidade): 1.^a, 1\$680 — 2.^a, 1\$310 — 3.^a, 920.

Barcellos a Campanhã (sem reciprocidade): 1.^a, 1\$620 — 2.^a, 1\$260 — 3.^a, 890.

Crianças de 3 a 10 annos pagam metade dos preços indicados.

Bagagem: 30 kilos para os adultos; crianças, 15 kilos.

Estes bilhetes podem ser prorogados por um ou dois periodos de 30 dias, mediante o pagamento de 10 % por cada prorrogação, sobre o preço do bilhete.

Preço dos bilhetes d'assignatura entre Porto e Barcellos:

3 mezes: 1.^a, 40\$200 — 2.^a, 29\$100 — 3.^a, 20\$050.

6 mezes: 1.^a, 59\$200 — 2.^a, 43\$100 — 3.^a, 29\$550.

12 mezes: 1.^a, 88\$200 — 2.^a, 64\$100 — 3.^a, 44\$050.

Bagagem: 30 kilos. Póde ser pago em 1, 2 ou 3 prestações, sendo a 3.^a prestação para importância superior a 50\$000 reis.

Preço dos bilhetes kilometricos, com direito a 30 k. de bagagem:

Até 2:000 k. valido por 3 mezes: — 1. ^a , 27\$800 — 2. ^a , 21\$600 — 3. ^a , 15\$450									
» 3:000 »	»	»	» 5 »	»	» 40\$100	»	31\$100	»	22\$250
» 4:000 »	»	»	» 8 »	»	» 51\$500	»	40\$000	»	28\$650
» 5:000 »	»	»	» 10 »	»	» 61\$000	»	47\$400	»	33\$850
» 6:000 »	»	»	» 12 »	»	» 68\$600	»	53\$300	»	38\$150

Além de 3:000 k. póde ser utilizado por 7 pessoas que sejam parentes; e 3 pessoas de casa commercial.

Bilhetes de excursão com itinerario à escolha do passageiro. Estes bilhetes são muito uteis para as casas commerciaes. Estes bilhetes dão a faculdade de percorrer todas as linhas ferreas de Portugal, excepto a linha de Guimarães.

Preço das carruagens salão, entre Porto e Barcellos:

10 passageiros — 20\$400.

Cada passageiro a mais — 1\$040.

Bilhete de preço reduzido para collegiaes:

Porto a Barcellos e vice-versa — 2.^a 2\$0.

Campanhã — 2.^a 270.

Mínimo: 9 alumnos e 1 professor.

Associações scientificas, litterarias e artisticas; sociedades de atiradores, de gymnastica e de velocipedia; alumnos dos estabelecimentos de ensino pertencentes ao Estado e associações de bombeiros voluntarios:

50 % de redução sobre os preços dos bilhetes ordinarios.

Bagagem: 30 K.

Companhias dramaticas, lyricas, gymnasticas e equestres:

25 % de redução sobre os preços dos bilhetes ordinarios.

Bagagem, mobiliario, decorações e animaes que acompanharem os artistas, 50 % sobre os preços applicaveis pela tarifa geral.

Preços dos bilhetes de grupos não inferior a 12 passageiros de 3.^a classe:

Porto a Barcellos — 400.

Campanhã » — 390.

Bagagem: 15 K.

Preço dos comboios de excursão:

Cada passageiro e kilometro percorrido — 1.^a classe, 9 reis.

» » » » — 2.^a » 6 »

Mínimo cobravel: 100\$000 reis.

A estação de Barcellos vende bilhetes de simples ida para : todas as linhas da Companhia Real, Beira Alta, Nacional, Guimarães, Pova e Orense-Vigo.

Tarifa 13 — Preço do transporte de qualquer volume e para qualquer estação, com porte pago, até 10 kilos, 150 reis (sem mais despeza).

Mercadoria de qualquer natureza, exceptuando valores, metalico, objectos preciosos, materiaes inflamaveis ou explosivos e animaes vivos.

Os volumes com rotulo a indicar a estação do destino, nomes do expedidor e consignatario.

Tarifa 9 —

Fructas, legumes verdes e hortaliças.

Barcellos para Campanhã ou Porto (sem reciprocidade) ou entre todas as estações, peso 60 kilos, 200 reis, sem mais despeza.

Preço do despacho de um cão, com bilhete de passagem:

Do Porto ou campanhã a Barcellos e vice-versa — 200 reis.

Preço do transporte de um cavallo:

Porto a

Bent. Da estação de Barcellos para o centro da Villa, ha á chegada de todos os comboys, trens (victorias, em geral) que fazem esse trajecto por 60 reis cada pessoa; ha o mesmo serviço de carreira entre a villa e a estação, á partida de todos os comboios. Tomando um carro para uma pessoa, com direito ao transporte de grossa bagagem, 500 reis.

Carruagens d'Aluguer: — Alquiladores, Augusto da Cunha Bandeira, R. Barjona de Freitas; Custodio da Cunha Bandeira, Largo do Tanque; Manoel Carvalho, R. Faria Barbosa, e Manoel Sarriilha, R. Manoel Paes.

Barcellos tem lindissimos passeios para carruagem, merecendo bem o sacrificio d'uma manhã todos os arredores da villa. A Lama ou ao Tamel, 1\$000 reis. A' Franqueira, ponto strategico donde se goza um panorama vastissimo, abrangendo de lá os portos de Espozende, Fão, Apulia, etc., um carro pôde custar dez ou quinze tostões. A Villar de Frades, 1\$200 reis. De Barcellos á Apulia, Fão e Espozende, ida e volta, 3\$000 reis.

Hoteis. — O Hotel Vinagre, Largo da Porta Nova n.º 34, 35 e 36. 12 quartos hygienicamente sem tapete nem passadeiras, muito bem esfregados. Diaria 1\$000 reis os quartos das trazeiras, 1\$200



CHAFARIZ DO CAMPO DA FEIRA

Barcellos — 2\$290.

Campanhã a Barcellos — 2\$200.

Na estação de V.^a N.^a de Famalicão, o passageiro que desce de Barcellos, pôde tomar a linha da Pova; na estação da Trofa entronca com a linha de Guimarães; querendo seguir para Valença, de visita ao alto Minho ou para uma fugida a Tny ou a Vigo, não tem mais que esperar em Barcellos o comboio do Minho que finda em Valença; e se segue para Lisboa, ao chegar a Campanhã espera no buffet que um rapido ordinario ou de luxo ou o nocturno saíam de S.

reis, os quartos da frente, comprehendendo quarto, almoço, das 9 horas ao 1/2 dia (constando de 3 pratos, á portugueza, vinho verde, tinto ou branco, á discreção, chá ou café), jantar das 5 horas ás 7 horas (constando de 4 pratos á portugueza com vinho verde, tinto ou branco, á discreção). Familia ou hospedes permanentes, preços convencionaes. Creados de hospedes, meias diarias.

Um almoço avulso, com vinho, 500 reis; jantar avulso, com vinho, 600 reis; só quarto 300 reis. O 1.º dia não é contado por verbas separadas. Illuminação, acetylene; o hospede não paga luz. Café de manhã, extra; no inverno entra na diária. Banho no quarto 100 reis; geral, 200 reis.

Nos tres dias da festa das Cruzes, a maior festa do anno de Barcellos, estes preços são elevados: quartos para a frente 2\$500; quartos para as trazearas, 2\$000 reis; almoço avulso 600 reis; jantar 700 reis.

Ha mais o hotel: *Roriz*.

Restaurantes: — *Albano*, Campo da Feira; do *Café Mattos*, R. D. Antonio Barroso e Barjona de Freitas.

Cafés: — *Mattos*, R. D. Antonio Barroso e R. Barjona de Freitas. tendo bycicletas para alugar; do *Theatro*, esquina das Ruas D. Antonio Barroso e Infante; da *Viuva Mattos*, R. D. Antonio Barroso; do *Paulo*, Largo da Porta Nova; da *Paula*, R. D. Antonio Barroso.

Correios e Telegraphos: — Estação telegrapho-postal, R. Barjona de Freitas, com emissão e pagamentos de vales do correio e telegraphicos, cobrança de recibos, letras e obrigações e serviço de encomendas postaes, permutando malas com a R. A. M. Telegrammas durante todo o tempo que a estação está aberta que é no inverno das 8 h. ás 9 h. n. e no verão das 7 h. m. ás 9 h. n. Serviço de encomendas, registos e vales é das 9 h. ás 4 h. t. Ao domingo fecha ao meio-dia, reabrindo só no outro dia. Caixa do correio, junto ao Hotel Vinagre na parede da Pharmacia da Calçada, L. Porta Nova. Tiragens: 1.ª ás 4 1/2 h. m., 2.ª ás 9 h. m., 3.ª ás 3 h. t.; 4.ª ás 6 1/2 h, tarde e 5.ª ás 8 h. n.

1.ª distribuição domiciliaria 6 1/2, 2.ª 11 1/2, 3.ª 5 h. t., 4.ª distribuição na estação depois das 8 1/2 h. n.

Medicos: — Dr. Antonio Ferraz, Barcellinhos; Dr. Antonio Martins Lima, R. D. Antonio Barroso; Dr. José Joaquim Duarte Paulino, Largo José Novaes; Dr. Cruz Ferreira. R. do Infante; Dr. João Cardoso, R. do Jardim; Dr. Mattos Graça, R. do Barbadão.

Pharmacias: — *Da Calçada*, Largo da Porta Nova; *Valle*, R. Bom Jesus da Cruz; *Moderna*, de Delfino Esteves, R. D. Antonio Barroso 130 a 132; *Pharmacia e Drogaria Medicinal*, dos srs. Paes Moreira e Vieira Ramos, R. Barjona de Freitas; a da *Misericordia*, pharmaceutico 1.ª classe. Avelino Ayres Duarte: a de *Placido Lamella*, Largo da Ponte, Barcellinhos; e *Pharmacia Faria*, R. Direita, Barcellinhos.

Barbeiros: — José Candido Gonçalves, Largo da Porta Nova, (junto ao Hotel Vinagre); Antonio José d'Andrade, Largo da Porta Nova, junto da *Cadeia*; João da Costa Freitas, R. D. Antonio Barroso; Agostinho Corrêa, R. D. Antonio Barroso.

Tabacarias: — de José Joaquim da Silva, R. D. Antonio Barroso, 85 e 87; *Tabacaria Photo-Iris*, Largo Porta Nova, 32, que tem não só excellentes sortidos para fumadores como bons artigos de photographia, postaes coloridos, dispondo d'um quarto escuro para trabalhos urgentes.

Confeitaria: — De Manuel Joaquim Duarte Salvação, R. D. Antonio Barroso.

Ourivesarias: — Francisco Vieira Vellozo, contraste, da Casa Real, e Manoel Augusto de Passos e Antonio Gomes da Cunha Guimarães, todos na R. D. Antonio Barroso.

Relojoaria: — David Vasconcellos, R. D. Antonio Barroso.

Bancos: — De *Barcellos*, gerentes: Dr. Augusto Monteiro, Domingos de Figueiredo e João Vieira Ramos.

Agencias bancaria: — João Antonio da Costa Guimarães & Filhos, Largo da Porta Nova, diversas.

Agencias de Seguros: — João A. da Costa Guimarães & Filhos, Largo da Ponte Nova, diversas; Viuva de José Mattos, R. D. Antonio Barroso, diversas; José Pereira da Quinta, Largo da Pedra do Couto, diversas.

Associações: — *Commercial*, R. Barjona de Freitas, *Empregados do Commercio*, R. Barjona de Freitas; *Quatro Artes de Constructores Civis*, R. Bom Jesus da Cruz; *Circulo Catholico-Operario*, R. Nova de S. José; *Barcelinense*, soccorros-mutuos (em Barcellinhos); *Assembleia Barcelense*, Largo D. Antonio Barroso, onde qualquer socio apresentará o forasteiro que pôde frequental-a durante oito dias, graciosamente; *Bombeiros Voluntarios*, Largo José Novaes, em edificio seu, commandante Manoel Pereira Esteves, 2.º commandante Joaquim Antonio Pereira; 40 praças; tem um subsidio da Camara e de quasi todas as Companhias de Seguros.

Hospital: da *Misericordia*, com um asylo para os dois sexos. Uma formosa cerca, em que o gosto do sr. Luiz Ferraz conservou e appropriou uma linca maita onde é grato repousar e que a graciôsa autorisação do digno Provedor, actualmente o sr. dr. Antonio Ferraz, permittirá ao forasteiro passear. Serviço clinico excellent, assistencia de religiosas.

Asylo do Menino Deus. para meninos, installado no *Antigo Mosteiro do Menino Deus*; annexo a este, no *Campo da Feira*, uma *Officina de S. José*, *Asylo Sagrado Coração*, para meninas, administrado por irmãs de caridade; *Asylo-Escola Agricola* (14 rapazes), fundado e montado por um anonymo que o dotou com cincoenta contos.

Rio Cavado:—Barcos de recreio, à véla, a rêmos e à vara, a 50 e 100 reis a hora, alugam-se na *Azenha da Ponte*; a pessoa que alugar barcos fica responsavel pelas avarias.

Imprensa:—o *Commercio de Barcellos*, órgão do partido progressista de que é director politico o illustre advogado e parlamentar Dr. José Julio Vieira Ramos; a *Folha da Manhã*, órgão regenerador de que é director o sr. Albino Leite; a *Folha Liberal*, ex-órgão franquista, hoje independente, editor e proprietario o sr. Marcos Emilio.

*
* *

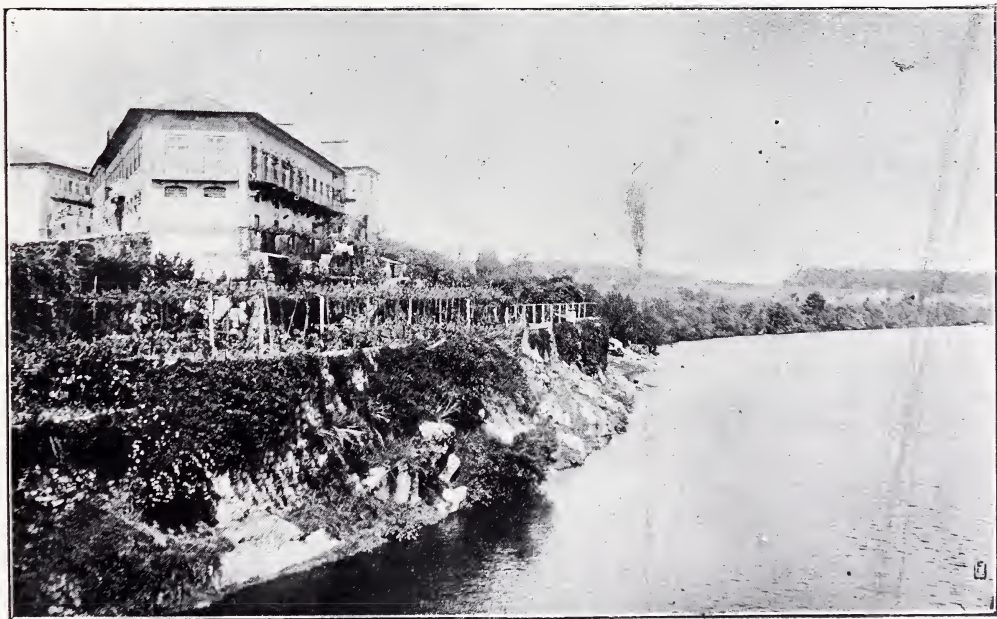
Villa fidalga, mais antiga que a monarchia portugueza, Barcellos anda, pela sua historia, intimamente ligada á Historia de Portugal, á historia da familia de Bragança, aos nossos mais bellos feitos guerreiros, á historia da nossa litteratura, a toda a nossa vida patria pelo oiro de cujas paginas corre o glorioso sangue de Barcellos.

Para indiciar as tradições nobilissimas da Villa e prometter um eloquente archivo de pedras heraldicas e historicas, basta evocar alguns dos

BARCELLENSES ILLUSTRES

Frei Antonio do Carmo Velho Barboza (Sec. XVIII e e XIX) escriptor publico cuja obra mais nomeada é a *Memoria de Leça do Balio*;

Frei José de Sacra-Familia — José da Silva Tavares — (Sec. XIX) da fregue-



MARGENS DO CAVADO



SOLAR DOS PINHEIROS

zia de Argival, que á data do seu nascimento, pertencia ao conc. de Barcellos e hoje pertence ao conc. da P.^a de Varzim; escriptor e pedagogo notavel; migue-
lista, retirado ao estrangeiro fundou um collegio em Londres que teve logo enorme fama. Grande cultor das letras patrias (Ver Dicc. Innocencio);

Francisco Antonio de Brito Limpo, (Sec. XIX) coronel de engenheiros, autor de trabalhos militares, inventor do *nivel de precisão Brito-Limpo* que o nobilitou;

Antonio Malheiro de Magalhães Villas-Boas, (Sec. XIX) primo do Conde de Villas-Boas;

Alberto Malheiro de Magalhães Villas-Boas, irmão do anterior (Sec. XIX) autor d'um livro de versos *Sombras do Valle*, bohemio impenitente;

Joaquim Malheiro de Magalhães Villas-Boas, (Sec. XIX) irmão dos dois primeiros, contador em Barcellos, poeta tambem, ou elles não fossem já filhos de poeta; é d'essa familia, irmã dos tres poetas, a ex.^{ma} esposa do illustre advogado e notario no Porto sr. Luiz Novaes, sr.^a D. Adelaide Malheiro, que fazia com a virtuosissima mãe do Conde de Villas-Boas o *pendant* das senhoras mais formosas de Barcellos na sua epoca, tendo simultaneamente prendas de educação e de espirito;

Antonio Fogaça (Sec. XIX) poeta, irmão de Francisco Fogaça, adoravel rapaz que todo o Porto estima e que ainda não pôde ouvir pronunciar a olhos enxutos o nome do autor dos *Versos da Mocidade*;

Visconde d'Oliveira (Sec. XIX) director da Escola Medico-Cirurgica do Porto;

Abbate Antonio Fernando Paes de Villas-Boas (actualidade) autor das chronicas *Barcellos ha cincoenta annos*, homem alegre, boa voz, irmão do ex.^{mo} sr. Manoel Paes, casado com a sr.^a Duqueza de Saldanha, e tio do novel advogado dr. Joaquim Paes;

Ayres Ferreira (Sec. XVI) da casa de Cavalleiros e « Couto de Frazão e Marvilla de Couros, viveu em Barcellos, no tempo de D. João III.

« Teve quatro filhos e duas filhas.

« Os rapazes á excepção de um que morreu na infancia, foram todos servir na India; eram Ruy, Alvaro e Gonçalo. As meninas professaram, e foram abba-
dessas perpetuas no mosteiro de Cós. Os tres soldados grangearam fama no Oriente; e Ruy Ferreira de Mendonça, o mais velho, avantajou-se nas proezas — nas crueis façanhas que os Coutos e Barros chamam proezas. No seu solar de Bar-

cellos ficara Ayres Ferreira, sósinho e triste. Doia-lhe mais que tudo a saudade de Ruy, o seu primogenito, que lhe fugira, ansioso de batalhas, e invejoso dos irmãos, cujos nomes começaram a ser laureados na Asia em 1543.

«Um dia, Ruy Ferreira de Mendonça recebeu em Goa carta de seu pai, queixando-se dos filhos que o deixaram velho, desamparado, e exposto aos affrontamentos de quem já lhe não temia o braço alquebrado por annos e desgostos. E contava que o abbade de Creixomil, clérigo fidalgo e possante, ousára pôr-lhe as mãos nas barbas. Ruy saiu com a carta de seu pai em demanda do vice-rei a pedir-lhe licença para vir ao reino. O vice-rei negou-lh'a, com o intento de evitar um crime, privando-se d'um dos seus mais valentes capitães. E, sabendo que o fidalgo lhe não obedecia e se andava negociando clandestinamente passagem nas



VENDEDORES AMBULANTES

nãos, deu-lhe ordem de prisão até que os navios levassem ancora. As náos abalaram, e Ruy foi posto em liberdade. Apenas livre, correu á barra, avistou ao longe o velame, arrojou-se ás ondas e nadou na esteira d'ellas. Quatro horas bracejou, reagindo ao sossobro, que já o levava de vencida. Favorecido por subita calmaria, as náos balouçavam-se paradas, e as vagas alisaram-se como lago de aguas estanques. Viram da amurada o homem que nadava. O capitão, que lhe quizera dar passagem occulta, suspeitou quem fosse e mandou uma lancha com oito remadores ao encontro d'elle. Colheram-o reanimado, mas em tamanho quebranto de forças que levou dias a restaurar-se. Tinha cortado duas leguas de mar!

«Desembarcou em Lisboa, e seguiu para o Minho. S. Thiago de Creixomil, abbadia do então chamado Couto de Fragoso, demorava no termo de Barcellos.

Ahi vivia o clérigo que affrontára Ayres Ferreira. Ruy, antes de se avistar com o pai, bateu á porta do abbade, e enviou-lhe o seu nome. O fidalgo tonsurado desceu ao recio da sua residencia, empunhando a espada de cavalleiro. O soldado da India rejubilou quando viu o adversario armado. Vexava-o ter de matar um inerme. Travaram-se os dous gladios: mas que prélio tão desigual entre o guerreiro experimentado e o fidalgo que sabia apenas a esgrima de curioso! A' volta de poucos botes, o abbade de Creixomil cahiu trespassado do peito ás costas, ouvindo estas vozes frementes de odio:

« — Perro! não pozesses as mãos nas barbas de um velho!

« E depois foi beijar a mão a seu pai, com quem se demorou algumas horas, e partiu para não perder a passagem das náos que estavam de véla para a India.

«E lá foi ceifar novos louros.» — Transcrevo este episodio das *Noites de Insomnia* de Camillo Castello Branco (n.º 3 — pag. 33 e seg.): a honra de Ruy Ferreira merece bem que, a ser narrada, o seja por uma penna assim; este *Guia* despretencioso e fugaz passará a merecer alguma coisa, desde que n'elle vae um trecho do gigante de S. Miguel de Seide.

E continuêmos a relemburar barcellenses illustres, alguns, que todos, seria tentar um grosso in-folio biographico:

D. Diogo Pinheiro, (sec. xv e xvi), Bispo do Funchal, filho de Pedro Esteves;

P.º Thomaz Pereira, (sec. xvii) grande musico, da Companhia de Jesus; missionario na India e na China, captivou a amizade do Imperador da China, foi um Marquez de Soveral do celeste imperio, attribuindo-se (um autor allemão) a sua alta influencia junto do imperador aos seus talentos de musico insigne, parecendo que foi elle o autor do hymno imperial e d'um grande tratado de musica e o constructor d'um órgão que existe no Collegio dos Jesuitas em Pekim. O christianismo deve-lhe o grande serviço de ter obtido o tratado pelo qual foi permittido o culto catholico em todo o Imperio Chinez;

Manoel José da Costa Felgueiras Gayo, antepassado do actual visconde da Fervença, autor do *Nobiliario das Familias Portuguezas*, 32 vol. in-folio manuscriptos que — por determinação expressa no testamento do legatario — podem ser consultados no archivo da Misericordia de Barcellos, com a condição de estar sempre presente um empregado da Santa Casa que vigie a integridade do precioso documento, condição tambem imposta pelo testador ao doar o seu paciente trabalho á Misericordia;

Alfredo Carvalhaes, (sec. xix) poeta; passou a maior parte da vida na cidade do Porto;

Maestro Miguel Angelo (sec. xix), um gigante! Filho d'um frade e d'uma excellente e distincta senhora portuense, aos quatro annos de idade, tendo seu pae emigrado para o Rio de Janeiro, e ficando elle sósinho com sua mãe, pobre e necessitada, foi encontrado por um bom padre, adormecido na escadaria da Real Capella da Lapa (Porto) de que era visinho; acordado, o pequenito aproveitou para pedir ao reverendo que lhe deixasse ajudar á missa para aliviar a mãe na despeza da casa; o sacerdote prometeu-lhe que quando elle fosse maiorsinho lhe ensinaria o latim preciso e então ajudaria á missa. «Mas eu já sei!» — affirmou o pequerrucho. E, examinado, viu-se que não mentia; muito intrigado, o reverendo perguntou-lhe de quem era filho, e ao saber que era a progenie d'um frade deixou-se de incredulidades e, dando-se por satisfeito com a explicação, admittiu o pequeno como menino do coro da Lapa. E assim Miguel Angelo começava a ganhar a vida aos quatro annos, sendo preciso o padre ajudar-lhe a mudar o missal

cujo peso as suas forças não aguentavam. Educado a ganhar o pão de cada dia, desde as primeiras idades, Miguel Angelo emigrou para o Brasil e depois de tocar em cafés — com o que nunca se reputou deslustrado — aos 14 annos era nomeado organista da capella imperial, por esse homem de bem que se chamou D. Pedro II. E, desdeentão, n'aquella casa ninguem mais trabalhou senão o Miguel.



BARCELLINHOS : Ermida da S.^a da Ponte

Depois de ter aos seus pés o Brasil, nessa vassalagem de admiração que aquelle povo colossal presta com a isempção dos superiores, Miguel Angelo regressou ao Porto onde depressa era aclamado o soberano dos musicos portuguezes, d'essa época, cujas lições foram sempre pagas, até á hora decadente da morte, a peso de ouro, nunca recebendo menos — a não ser que ensinasse uma pessoa amiga ou uma pessoa pobre — de uma libra por lição e despesas pagas á parte, se era fóra do Porto. Infelizmente esse enorme talento musical, talento interpretador e talento creador, teve a prejudicial-o na mesquinhez da vida pratica o seu inato espirito satyrico que nunca pôde dominar nem esconder.

Habil, quasi litterário no tecer do epigramma, Miguel Angelo atirava com uma satyra quando menos a esperavam.

Por esta e por outras, ora desancando com justiça e muita razão a mediocridade, ora crivando de humorismo talentos authenticos, Miguel Angelo começou d'ahi a transformar um terço dos seus admiradores em rancorosos inimigos, o outro terço forneceu-lh'o o seu grande caracter que o tornou o romantico paladino de muitos dramas intimos que elle resolveu com a sua influencia que era extensissima e sempre inspi-

rada no mais elevado ideal de dignidade e de sentimento; a ultima terça-parte dos inimigos arranhou-lh'os o seu temperamento doentio que a sua altivez de trabalhador servia, deixando cair no meio da rua ou no meio d'um salão um cumprimento de pessoas poderosas, com



PAÇOS DO CONCELHO

a sobrançeria mais insolente, por isso mesmo que era a da distracção, e da indiferença serenamente absoluta.

Foi por isso que lhe deitaram a terra o *Eurico*, opera sua e que as suas peças de concerto só elle ou poucos mais as executavam.

Ainda assim, donde elle apparecia desaparecia o curioso feito profissional, espavoridamente.

Já velho, ás portas da loucura, e aquelle gigante ainda domava plateias como se ainda açacalasse todas as suas garras de leão.

Era um barcellense; parecia um teutão, tanto a sua gloria a deveu a si proprio, ao seu estudo probo e duro que lhe garantira toda a philosophia da arte e todos os segredos da harmonia.

Mais barcellenses :

José d'Almeida Castello Branco Bezerra, (sec. xviii) homem rico, bohemio, frequentador de mosteiros, poeta, ultimo representante directo da *Casa de Pe-reiró*; morreu pouco depois do terremoto de Lisboa a que dedicou um soneto ;

Manoel José d'Oliveira, conhecido em Lisboa, pelo *Manoel dos Contos*, por causa da sua abastança ;

Manoel da Rocha Freire, licenciado (sec. xvii) autor da *Relação Historica do que fizeram os Moradores de Barcellos, desde o dia em que na villa acclamaram D. João IV, apenas sabida a restauração da capital em 1 de dezembro de 1640, até o ultimo de janeiro de 1642*;

Henrique Ernesto d'Almeida Coutinho, grande amator de pintura e poeta cujas obras cita Innocencio ;

D. Rodrigo Pinheiro, (sec. xvi) bispo d'Angra, notavel nas letras ;

Dr. Diogo Annes de Magalhães Villas Boas, tio do Conde de Villas Boas, politico ;

Antonio de Mendanha Arriscado, politico ;

Conde d'Almoester, politico ;

General Fernando de Magalhães de Menezes Villas Boas, pae do conde de Villas Boas ;

Fr. Pedro Poyares (sec. xvii) autor do *Tratado Panegyrico em louvor da Villa de Barcellos*.

Antonio de Villas Boas e Sampaio, (sec. xvii) autor da *Nobiliarchia Portugueza* e do *Auto da Lavradora de Agró*, optimo prosador elegante, e um dos raros que souberam escapar á pecha do gongorismo que campeava na sua epoca ;

D. Antonio José de Souza Barrozo, natural da freguezia de Barcellinhos, missionario e actual Bispo do Porto, grande coração, autor d'uma intermina obra de benemerencias e dedicações cujos principaes tomos — as suas esmolos — correm sem nome de autor ;

Dr. Rodrigo Vellozo, figura actual do fôro de Lisboa após ter-se affirmado o mais notavel advogado do Minho, jornalista que durante annos redigiu a *Auro-ra do Cavado*, um dos mais preciosos archeologos da litteratura contemporanea, onde fomos sempre recebidos com uma immerecida hospitalidade que nos não deixa esquecer o nome respeitavel e estimadissimo de Rodrigo Vellozo ;

Dr. Balthazar Ozorio, (actualidade) querido e saudoso mestre da Polytechnica de Lisboa, entendido ceramista e probo historiador que possui talvez a melhor documentação sobre D. Sebastião cuja historia lhe consome todas as sobras de tempo clinico e pedagogico, ha bons annos já ;

E tantos outros, tantos ! que o espaço não contem e a quem a memoria desejaria dar aqui aceitação e registro.



EGREJA DO BOM JESUS DA CRUZ

*
* *

Incompletissimo e imperfeitissimo este rol de glorias barcellenses, consente mesmo assim justificar que Barcellos possua, como possui, muitas e curiosas

CASAS BRAZONADAS

que não nos cabem todas n'estas curtas paginas, mas de que daremos um avaro inven-

tario, o qual formará desde já parte do programma dos monumentos e edificios dignos do visitante, do forasteiro :

Na Villa : — A dos Beças (ao jardim) na posse do ex.^{mo} sr. José de Beça e Menezes que está reconstituindo o interior, murando-o de telas de Salgado e Condeixa, entre outros, descrevendo uma (a de Salgado) uma hora de Aljubarrota em cuja *Ala dos Namorados* pelejou um antepassado d'esta casa illustre, outra (a de Condeixa) transcreverá a honrada pagina do Castello de Faria.

Acertada e mui louvavel idéa de colleccionador que assim vae referindo a decoração da sua casa a motivos gloriosos da historia de Barcellos que historia de Portugal é. Se um dia o *Museu e Biblioteca*, que a Camara de Barcellos se esforça por erguer das ruínas dos paços dos Conde-Duques, receber em doação essa patriótica galeria, terá o sr. José de Beça praticado — como praticou o fallecido Barahona para com a Biblioteca de Evora, testando-lhe o quadro de historia evorense de Antonio Carneiro — uma inesquecivel acção boa de intelligente legatario.

Patentear a olhos de forasteiros indigenas ou estrangeiros essas eloquentes fôlhas d'ouro seria o mais bello padrão que um illustre barcellense, filho de barcellenses illustres, jámais poderia levantar á sua terra.

a dos Machados da Maya (Largo José Novaes) de que é ramo a familia dos srs. Conde d'Arnos e Visconde de Pindella, casa muito curiosa;

a do Barão da Retorta (no mesmo Largo) notavel por ter hospedado o ministro Duque de Saldanha, e depois D. Maria II e D. Fernando, incendiada que foi a casa que a Camara lhes preparara. Pessoa abastada e respeitavel, o proprietario d'esta casa não era ainda portador de titulo nobliarchico; declarado alta noite o incendio no predio onde a Municipalidade alojára os monarcas, a sr.^a D. Maria II e o sr. D. Fernando, fugiram desvestidos, sendo-lhes, então, offerecida esta outra casa cujo dono foi, em gratidão, condecorado com o baronato; a casa, porém, já não está na posse do Barão da Retorta nem de representantes seus, mas sim, por compra, na do sr. Conselheiro José Novaes;

a dos Gayos (R. Faria Barboza) de que é ramo directo o muito nobre e antigo fidalgo Visconde da Fervença, Carlos Alberto Machado Paes d'Araujo Felgueiras Gayo;

A casa Magalhães Villas-Boas (R. Faria Barboza), um dos mais antigos solares de Barcellos, como é uma das nobrezas barcelenses mais antigas e mais illustres a familia donataria. Seculos atraz, Barcellos teve importantes caudelarias de que eram senhores os Conde-Duques de Bragança que tinham por caudeleiro-mór um antepassado d'esta familia que ainda conserva curiosa correspondencia autographa do sr. D. João IV trocada com um dos avoengos d'esta casa. Outr'ora dona d'uma bibliotheca riquissima onde ainda hoje se archivam tombos a que grandes casas do concelho vão, por vezes, recorrer, foi um alfôbre de mobiliario, de baixéllas e de ceramica.

Illustres nas armas e nas letras, os Magalhães Villa-Boas foram um dos mais fervorosos e fidelissimos esteios legitimistas. A ponto de, eleito por unanimidade de votos (menos um) deputado por Barcellos á primeira camara constituinte, o seu representante se recusar a jurar fidelidade ao novo rei, sendo portanto excluido do parlamento, o que lhe valen o seu nome ser, como o de outros legitimistas que houveram igual e elevado proceder, inscripto nas letras d'ouro d'um quadro offerecido pelo partido legitimista a cada um desses honrados homens, guardando ainda a casa o exemplar que coube ao seu ante-passado. Tal echo teve este acto de coherente honra, que não faltou quem attribuisse á familia Magalhães Villas-Boas a autoria do incendio que destruiu a casa onde a Camara de Barcellos recebera a sr.^a D. Maria II e o Rei-Consorte.

Na mesma noite do sinistro, o Presidente do Conselho, o Duque de Saldanha, foi ao solar Villas-Boas e disse ao seu representante de então (avô do actual Conde Villas-Boas) de quem Saldanha era muito particular amigo:

—«Suas Magestades não tem onde ficar e eu venho pedir-te que me permittas dizer-lhes de tua parte que As recibes em tua casa. Peço-to isto por dois motivos: 1.^o porque não tem hoje Barcellos mobiliada e prestes casa de cathegoria onde Suas Magestades pousem; 2.^o por desmentir o calumnioso boato de que foram os miguelistas quem mandou incendiar a casa onde a Rainha Sr.^a D. Maria II e El-Rei D. Fernando descançavam ».



TORRE DE CURUTÉLO

— Pódes ir dizer aos teus Reis que a minha casa está ás suas ordens, mas com uma condição...

— Suas Magestades não podem acceitar condições...

— Esta podem: é que enquanto estiverem na casa Villas-Boas não consinto que aqui entrem soldados nem policia nem particulares a guardarem as vidas da Sr.^a D. Maria II e do Sr. D. Fernando. Chamo essa responsabilidade a mim e aos meus creados.

Foi o duque transmittir o recado aos Reis que acceitaram a hospedagem condicional da casa Villas-Boas.

Havia, ainda então, na secular casa, quatro serviços completos da India, China, Japão Velho e um Sevres, que guarneceram, á vez, a mesa real, com espanto da Rainha que não sonhava encontrar n'uma casa da provincia os requintes que a esperavam no solar dos Magalhães, e com gôzo do real colleccionista D. Fernando que mandou depois offerecer nove contos de reis por uma bandeja de prata cinzelada e assignada Celini, transação que o fidalgo barcellense altivamente recusou.

E, de facto, durante os dias e as noites que os Reis de Portugal viveram n'essa casa legitimista, quem velou pelas suas vidas foi o dono da casa e os seus creados que desde que os seus regios hospedes entraram até que saíram nunca mais se deitaram, desmentindo assim o grosseiro boato de que fosse o rancor politico dos miguelistas que houvesse incendiado o pousadouro dos « usurpadores ».

Ao despedir-se, a Senhora D. Maria II chamou, á dona da casa, Viscondessa de Villas-Boas, titulo que a respeitavel senhora não aceitou. Seu filho, o fallecido general Fernando de Magalhães tambem o não quiz. E, como o Senhor D. Carlos o tornasse a offerecer ao actual representante da casa Magalhães Villas-Boas, o 1.^o tenente da armada Real Portuguesa, sr. Fernando de Magalhães, este aceitou-o, vindo a ser o 1.^o Conde de Villas-Boas quem já podia ser o 3.^o conde.

Ceramica, baixella, mobiliario, quasi tudo dispersou.

Sobrevive apenas o solar tal qual era, simples e sobrio, mas immenso, e meia duzia de peças de gosto e de estylo que são uma eloquente inculca do que haverá sido aquella casa, de cuja varanda, debruçada sobre o Cavado, se goza o mais maravilhoso e apaziguador espectáculo que olhos de poeta ou de pintor jamais podem apeteecer. Descendo d'essa varanda, vae-se ter a um canteiro assente sobre o *substratum* d'uma das quatro torres da antiga muralha de Barcellos — a Torre do Pecegal, que era a torre da *porta de traição*.

A capella, já rica da obra de talha da tribuna, da papelleira de xarão que guarda os paramentos, por alguma escultura, bastava-lhe para ser nomeada as duas sanguineas de Vieira Lusitano, authenticadas por esta saborosa dedicatória:

« Ao gentilissimo genio do R.^{mo} S.^{or} P.^e Manuel Joaquim de St.^a Anna Jus-tiniano, consagra este pictorico monumento o parsial.^{mo} seu servo e venerador « Franc.^o Vieira Lusitano, em sinal da intima e affectuosa observancia q. lhe pro-fessa (assignado pelo monograma de Vieira Lusitano) A. D. MDCLXV. »

Uma das sanguineas representa S. José dormindo e um anjo annunciando-lhe a incarnação; em um quarto ao fundo a Virgem Maria resa.

E tem por cima:

« Ego domo y cor meum vigilat ». Canto 5, v. 2.

E por baixo:

« Cogitationes meæ dissipatae sunt, torquentes cor meum ». Job cap. 17.

O outro representa a morte de S. José e tem em cima:

« Joseph virum Mariae, de qua natus est Jesus ». Mat.^s cap. 4.



RUINAS DOS PAÇOS DOS CONDES DE BARCELLOS
PELOURINHO GOTHICO

E em baixo :

« In medio umbrae mortis, non timebo mala,
quo « niam tu mecum es ». Psalm. 22 t. 4.

Entre as peças de mobiliário que se salvaram do abandono de muitos annos, conta-se um leito imperio, duplo, formado de duas metades eguaes, dois leitos, á italiana, colmado d'um tecto de castanho de meia abobada muito bonito e conservado, um toucador imperio já muito estimavel, e como curiosidade isto : um guarda-fato em que uma senhora da casa de Enfias, que veiu casar na familia Villas-Boas, trouxe o seu enxoval ; pintado ainda no tempo em que nos brazões se permittia figuras inteiras, o armario, muito pobre, de castanho, num só

corpo rematado por uma cimalhada de breve e pouco larga caneladura, tem na unica porta, o brazão da casa de Faria (Enfias) e no escudo: o famoso castello de Faria, e a pouca distancia o cadaver de D. Nuno de Faria o epico defensor do seu castello, estatelado, ainda de couraça e vestidura como se acabasse n'aquelle instante de ser chacinado pelo Adelantado de Galiza. E' uma curiosa reliquia para os lenhagistas.

Com esses fragmentos d'um esplendor, sobrevive, não fragmentada mas integra, a linhagem d'esta tão antiga familia na pessoa do Conde de Villas-Boas, official da nossa Armada Real, que guarda todo o valor de seus maiores, affirmado ao lado de Mousinho d'Albuquerque e confirmado por uma brilhante e já larga fôlha de serviços nas nossas campanhas de Africa, como reproduz toda a distincção da sua raça, no seu trato de *charmeur*.

É o Conde de Villas Boas quem tenta agora reconstituir esse conventual solar, e já lá se vê descerrar télas, reflorir canteiros.

Mas por muito illustre que seja, e é, a casa Magalhães Villas-Boas, não fica ainda por aqui o inventario das casas brazonadas de Barcellos. Assim, temos ainda :

A casa dos Mattos do Bomfim (Largo do Bomfim) de que é representante o medico Mattos Graça, moço estimavel e estimado, cuja fama profissional vae acompanhando, lado a lado, a fama dos seus bellos gestos de amor e de solidriedade com a pobreza concelhia ;

A celebre Casa Solar dos Pinheiros de Barcellos, conhecida tambem por Palacio do Barbadão (R do Barbadão) hoje, por herança do conde d'Azevedo em poder do muito illustre e muito illustrado sr. José de Azevedo e Menezes, da Casa do Vinhal, Villa Nova de Famalicão. O arruinado e interessante solar é constituido não somente pelas casas que o dr. Pedro Esteves edificou em 1448 e seu filho Alvaro Pinheiro ampliou no ultimo quartel do seculo xv, mas tambem pela



CAMPO DA FEIRA COM O EDIFÍCIO DA MISERICÓRDIA AO FUNDO

nobre morada de D. Diogo Pinheiro, talvez avoenga, reedificada no reinado de D. Manoel, ⁵ Comquanto muito deteriorado e deturpado, acusa, ainda o solar as formas primitivas, já nas suas janelas, algumas de primoroso trabalho artístico, já no seu pátio interior, incompleto mas que devia ter sido de bello effeito decorativo, e já finalmente nas duas torres de tres andares que se erguem nos angulos norte e sul da fachada principal, podendo considerar-se um bom monumento typico das habitações senhoriaes de Portugal e do norte de Hespanha no seculo

⁵ Palacios, castellos e Solares de Portugal — Casa Solarenga dos Pinheiros em Barcellos — artigo do sr. José Machado — *Illustração Portuguesa*. n.º 52 — II serie.



MATTA DA MISERICÓRDIA

xv. Na cornija da torre que olha para o paço dos condes de Barcellos, vê-se uma figura de pedra representando uma cara de homem com barbas, e com as mãos postas nellas, tentando arrancar-as. Diz uma lenda que esta figura significa o fundador d'esta casa, arrependendo-se enraivecido contra o conde D. Affonso (9.^o conde de Barcellos e 1.^o Duque de Bragança) por não lhe permittir altear mais as torres do seu palacio. Outra versão tradicional explica que o *Barbadão*, como geralmente chamam a essa figura, representa o mesmo fundador protestando vingança pela sedução d'uma sua filha, allusão aos amores d'el-rei D. João I com uma senhora d'esta familia—D. Ignez Pires, a *commendadeira de Santos*.⁶

Mas ao que parece⁷ aquella figura, intrusa na lenda do *barbadão* e repetida na torre meridional, é uma viva reminiscência do estylo romano, é um dos muitos exemplares das reedições gothicas. A casa dos



OUTRO ASPECTO DO CAMPO DA FEIRA

Costas

(R. Duque

ça), apparencia

familia antiquissima que

presentante; a casa da R. do Terreiro (R. Duque de Bragança) de que apenas se vêem dois arcos, em ogiva e uma janella. A outra parte foi transformada em casa nova. Pertencente ao bisavô do sr. dr. Ferraz, está hoje nas mãos da familia Lemos; a casa dos Brandões Gayos, (R. dos Açougues),⁸ de que é talvez representante o sr. José Borges Enfiás;

a casa dos Farias Eças (R. da Barrêta), mais conhecida pela casa da Barrêta, casa que deu o nome á rua; hoje, por compra, em poder da ex.^{ma} sr.^a D. Elisa Vinha, cunhada do nobre Visconde da Fervença;

Casa dos Carmonas (Largo do Apoio) antiga cadeia de Barcellos;

Casa dos Góes-Rêgos (Largo do Apoio) notavel pelas pessoas illustres de

Chaves

de Bragan

modesta mas de

não tem actualmente re-

6 *Portugal*, Diccionario Historico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Chorographico, numismatico e artistico, tomo XIV, pag. 126—artigo do ex.^{mo} sr. dr. Antonio Miguel da Costa de Almeida Ferraz.

7 *Illustração Portuguesa*, n.^o citado, José Machado.

8 Nos sec. XIV e XV por *açougues* não se entendia como hoje o lugar onde se abate gado ou se vende carne. *Açougue* era o mercado e praça onde, apesar de haver matadouro n'outra parte da villa, se vendia peças de carne, e se chamava geralmente *Os açougues* que deram o nome ao largo e á rua.

que foi berço, entre as quaes o celebre Alferes Barcellense, Gaspar de Góes-Rêgo ⁹ heroe d'Alcacer-Kibir.

Gaspar de Góes-Rêgo era alferes de D. Sebastião e porta-bandeira; já ferido, acutilado, semi-morto, não largava a bandeira.

Deceparam-o, e o *Alferes Barcellense*, vendo-se sem mãos, nem assim deixou o inimigo tomar o pendão glorioso que elle defendia: cravou-lhe os dentes e assim continuou arvorada, e em poder d'um portuguez, uma das bandeiras portuguezas que viram o tragico anoitecer d'Alcacer-Kibir.

E só a morte o despojou do seu honroso posto de porta-bandeira, arrancando-lhe o amado e venerado symbolo do grande Portugal.

O *Alferes Barcellense*, irmão do 10.^o avô do sr. dr. Antonio Ferraz, (ou talvez o filho do *Alferes*) casou com D. Maria Tavares, filha natural de D. Fulgencio de Bragança, a qual depois de viuva, pela tragedia d'Alcacer, casou com Gil Vicente d'Almeida, neto do poeta Gil Vicente, cuja mãe — Filippa Borges — era barcellense;

A casa de Levandeiras (em Barcellinhos) hoje na posse do sr. dr. Ferraz;

Casa de Vessadas, (em Barcellinhos) dos Viscondes de St.^o Antonio de Vessadas;

NO CONCELHO

Casas Solares:— Dos Ferreiras d'Argemil, freguezia de Mariz;

da Fervença, em Gilmonde, nas mãos da veneranda Mãe do senhor Visconde da Fervença;

dos Corrêas de Fralães, freguezia de S. Pedro do Monte, de que era representante a senhora Marquiza de Monfelim, Condessa de Terêna e Viscôndessa de Gil de Perre, e, por cujo fallecimento deve estar hoje talvez na casa do sr. conselheiro Ayres Ornellas ou na do meu querido e muito nobre e muito illustre amigo João de Paiva de Faria Leite Brandão, tenente da Armada Real Portuguesa e actualmente governador civil do Funchal, cargo para que foi convidado quando o sr. Ferreira do Amaral formou o 1.^o gabinete do reinado de D. Manoel II;

de Pereiró, hoje representada, em linha indirecta, pela familia Ferraz;

de Silva (freg. da Silva) dos Souzas Alcoforados, representada pelo sr. Gonçalo Alcoforado;

dos Azevêdos (da Lama) ¹⁰;

dos Barbozas d'Amorim (freg. de S. Martinho d'Amorim);

dos Corrêas de Villa Meã (freg. de Silveiras);

Casa dos Vellozos, nas Necessidades, na posse do sr. João Vellozo Barreto, aspirante da alfandega do Porto;

de Curutêlo, dos Felgueiras Gayos, (sec. XII e, diz o sr. dr. Ferraz por o ter lido, com a data de 1000 numa das pedras do arco do pateo) hoje, por compra

⁹ Nenhum chronista cita o nome do *Alferes Barcellense* que o meu amigo e devotado archeologo e historiador dr. Antonio Miguel da Costa de Almeida Ferraz desencantou n'um manuscrito pertencente ao ex.^{mo} sr. José de Menezes, actual representante do já indicado *Solar dos Pinheiros* — Somos nós que temos a honra de revelar este nome heroico, gloria de Barcellos e dos portuguezes, graças a amavel dedicação do ex.^{mo} sr. dr. Ferraz.

¹⁰ Vide notavel artigo, no jornal *A Propaganda* da Povoia de Varzim). n.^o 87, do sr. dr. Agostinho Barboza Sotto Mayor, juiz da 4.^a vara. Vide tambem *Resumo Genealogico das Casas Nobres da Provincia do Minho*, por Vicente Pinheiro Lobo Machado de Mello e Almada Vicente de Pindella.

em poder de pessoa alheia á familia, apesar de desfigurada por casótas que lhe pousaram em cima e por janellos de grades que lhe falsificaram ; as paredes, e por portinhas de vidro de agencia de creadas de servir, ainda vale um passeio de carro por uma manhã, em prova do que ahí deixamos duas foto-gravuras (pg 30).

*

* *

O forasteiro, que affoitamente pôde entrar em Barcellos sem pedir licença porque já não encontra a Villa fechada pelas portas do amuralhamento, tem a visitar antes de mais nada alguns edificios publicos, civis e religiosos. A archeologia se encarregará de o entreter, a arte e a industria pouco lhe proporcionando. Essa propria olaria regional pouco importante é, e senão leia-se a *Portugalia*, II vol. pag. 228, revista seriissima que só o grande amor scientifico de Ricardo Severo teria coragem de impôr a um meio indifferente como o nosso. Ao sair do hotel offerece-se-lhe primeiro a *Porta-Nova* cujo 1.º andar foi a residencia do chefe-militar e que hoje está toda dada a cadeia publica. Essa porta, o postigo do Pecegal e um pequeno trecho de muralha são os poucos destroços que attestam a defeza de Barcellos do sec. XVI.

Vista de passagem essa reliquia estrategica, a primeira visita a fazer é muito logico que pertença aos

Paços do Concelho

palacio onde costumam ser recebidos os hospedes em nome das povoações. Fica na Praça Municipal. A primitiva fabrica fadára-o para ter só uma torre; mas alargado e continuado pelas necessidades contemporaneas — obra começada pelo dr. Augusto Monteiro e continuada a poder de patriotismo e rasgo administrativo pelo dr. Vieira Ramos — deitou duas torres, uma a cada angulo da fachada, apontada a nascente e poente por dois braços de Barcellos. O mais summario exame a essas duas pedras notará n'ellas discordancia. E' que o

Brazão

de Barcellos tem padecido verdadeiras detracções, cuja historia é simples e hoje apurada: encommendando os senhores da Camara um sinete em que desejavam figurasse as armas de Portugal e o brazão de Barcellos, o gravador, como não dispuzesse de espaço bastante para



CASA DE NUN'ALVARES

os dois signos, não esteve com meias medidas; traçou um escudo, partiu-o ao meio, como uma dona de casa de hospedes repartindo um salão em dois quartos de tabique, e d'um lado inscreveu as armas do Reino, do outro as de Barcellos, e estas, mesmo assim, assaz modificadas. Do sinête passou o hybridismo para a fundição de candieiros de iluminação publica aonde o foram buscar para modelo do braço de pedra d'uma das torres (a do poente) dos Paços do Concelho, e para a decoração do tecto do salão nobre do edificio.

Estancou o disparate o bom entendimento do Dr. Augusto Monteiro, quando presidente da Camara, a quem a competencia do dr. Ferraz expôz a deturpação de que andava sendo victima o innocente braço de Barcellos; e tanto bastou para que o Dr. Augusto Monteiro mandasse lavrar o braço que ia erigir-se em outra torre, conforme as indicações do dr. Ferraz que forneceu a copia do que a Torre do Tombo ¹¹ authenticou mas que ainda não era o authenticico.

Foi mezes depois que o acaso — um dos melhores servidores do historiador e do archeologo — fez encontrar a authentica pedra d'armas de Barcellos, desenterrando de uma entulheira, removida no terreno da Camara, uma primitiva pedra em que, bem conservada, se lê toda a letra do braço barcellense e que vem a ser: Um escudo em tres ordens; no fundo d'elle um rio — o Cavado — com uma ponte de cinco olhos e ameaçada nas guardas — tal qual era a ponte primitiva que ligava Barcellos e Barcellinhos —, no principio da ponte uma torre e no fim d'ella uma ermida e um carvalho — a ermida da S.^a da Ponte e o Carvalho, seculares porticos de Barcellinhos; no meio do escudo tres torres, postas em fileira, mais pequenas que a primeira — symbolo das 4 torres que atavam a muralha barcellense do sec. xvi. No alto do escudo tres escudetes dispostos em fileira, o do meio com uma cruz em aspa, armas dos Pereiras, os dous dos lados com as quinas do Reino. Este braço, que até pelo numero dos olhos (arcos) da ponte mostra indiscutivel e comprovadamente ser o authenticico, é o que deixamos archivado numa das nossas foto-gravuras, florindo com a sua graça a nossa capa e glorificando o grande valor e a grande intuição archeologica do nosso provecto amigo e illustre confrade Dr. Antonio Ferraz, um dos barcellenses illustre da actualidade, bem como a probidade attenta e o bom sentimento de accertar do character e do talento do Dr. Augusto Monteiro.

Subindo a escadaria do nascente, dará o visitante facilmente com o gabinete do secretario da Camara, o dr. João Novaes, excellente e obsequiadora pessoa que lhe mandará mostrar não só o edificio, que depois de concluido installará todas as repartições publicas da villa, como lhe permitirá ver o

Foral de Barcellos

Tres foraes teve o concelho de Barcellos, sendo-lhes dado: o 1.^o por D. Affonso Henriques, com certeza entre 1140 e 1146 ¹²; o 2.^o por D. Affonso II, em 1218; o 3.^o, na reforma dos foraes, por D. Manoel, em 7 d'agosto de 1515, sendo este o unico que a Camara Municipal de Barcellos conserva. Os outros encontram-se no *Portugal e Monumenta Historica*, vol. *Diplomata et Cartae*. Deixando os *Faços do Concelho* mesmo em frente tem a porta lateral da

¹¹ *Cidades e Villas com Brazão*, por Ignacio Vilhena Barboza.

¹² Estas datas são averiguadas pelo sr. Dr. Antonio Miguel da Costa de Almeida Ferraz.

Collegiada

cuja fabrica está hoje um pouco confusa, pelo restauro que um benemerito mas ignorante conego fez em tempo e cujas columnas foram esganadas e asphixiadas pelo pesado emparedamento de azulejos.

Ladeada de altares que foram outr'ora capellas privativas da nobreza, entre as quaes ainda hoje, do lado do Calice, se respeita a da familia Pindella, a Collegiada sepultou no seu solo ossos illustres, cujos tumulos inscrições pomposas, heraldicas e até humoristicas (como esta que segue), assignalam :

« Aqui jaz contra seu gosto
do grão fernando um vassallo
que jamais subiu a cavallo
depois que n'elle foi posto ».

Outr'ora um passadiço ligou esse templo, por tantos titulos notavel, aos Paços do Condes-Duques ; hoje tem de se ir de roda pela primeira porta lateral ou pela porta principal, merecedora de que n'ella se ponha os olhos alguns instantes



ASPECTO GERAL DE CURUTÉLO (pag. 27)

e cujos capiteis o dr. Ferraz estuda, na presumpção de que elles o ajudem a ratificar a persuasão de que data do seculo XII a Collegiada.

Ali ao pé encontram-se

Os Paços dos Condes-Duques de Barcellos

que a inverneira de 1800 derrocou e que Barcellos trata de reconstruir para adaptar a uma biblioteca e museu publicos, tendo adquirido em 1874 as dismantelladas ruinas á Casa de Bragança, hoje já um pouco amparadas.

Embora a pormenorisação architectonica e simpleza de processo construtivo o emparelhem confusamente ás demais residencias senhoriaes, suas coevas,

d'Entre Douro e Minho, o paço dos Condes de Barcellos destaca-se do geral do solar do norte de Portugal e Castella por — enquanto que a regra era um corpo central flanqueado de torreões, casas annexas, etc., fechando pateo, — aquelle emmergir d'uma planta irregular, sem grandes corpos altaneiros, com o andar nobre á flôr do solo, acessivel portanto.

Começado já o restauro conforme a soberba planta de Korodi, cujo aspecto geral damos em photo-gravura no frontespicio d'este trabalho, difficuldades de subvenção arrastam esse sonho que só uma effectiva ajuda governamental ou uma dedicação sentimental de El-Rei D. Manoel II, em homenagem ás paredes que abrigaram seus avós, poderá pôr de pé, cumprindo assim a promessa com tanto entusiasmo feita por El-Rei D. Carlos ¹³.

Delimitaram essas pedras o solar dos

Primitivos Condes de Barcellos

que foram os Telles de Menezes, familia tão poderosa e remota que d'ella se apos sou esta lenda que assim narra na sua suave voz de serão: « pouco depois do 2.º casamento de D. Ordonho II de Leão, sua filha a Infanta D. Ximena, seduzida e



MULHERES DE VILLA DE PUNHE... (pag. 9)

abandonada por um dos fidalgos da côrte com quem fugira, se acolheu ao lugar de Menezes, em terra de Campos (Hespanha); ah! para obter meios de subsistencia, sua vergonha escondendo se sujeitára a nobre infanta a ir servir para casa de Tello Sanches, lavrador abastado e mui honrado do lugar. O porte da servidora era tam modesto e sua formusura tam attrahente, taes dotes de dona de casa revelou e tão desamparada se apresentou que o amo, seduzido e condoido, offereceu-lhe a sua mão.

Muito opportuna reputou então a descendente de Santo Hermenegildo tal aliança, e aquella que talvez desprezára a mão de reis jubilosa acceitou para marido o lavrador. Decorridos tempos e havendo já dois filhos gemeos, acontece ir

¹³ Vide *D. Carlos o Desventuroso*, de Joaquim Leitão.

D. Ordonho caçar ás proximas montanhas e, surprehendido pela noite, pedir agasalho á casa de Tello, a principal do lugar. Reconhece Ximena no caçado monteiro El-Rei seu pae, e não querendo perder a occasião que a Providencia lhe deparára, resolveu dar-se a conhecer. Tinha então a infanta guardado o vestido do brocado com que fugira e um anel com um rubi encastadoo que seu pae lhe dera. D'aquelle brocado e de burel corta e alinhava á pressa para cada um dos filhos uns pellótes meio ricos e meio pobres. Em seguida prepara com todo o esmero uma malassada¹⁴, frigindo e apurando uns frescos ovos e manda por seus filhos, d'aquelle forma trajados, offerecer ao seu rei o seu predilecto prato no meio do qual deixa cair o anel. Admirado o rei do singular vestuario dos servidores, surprehendido ao ver seus gostos adivinhados, assombrado ao achar dentro da malassada o anel, pergunta ancioso pela explicação. Então se lhe lança aos pés a filha e tudo acabou em bem, como nas comedias de Scribe. Perdôa D. Ordonho á infanta, reconhece a magnanimidade do lavrador Tello que casara com D. Ximena suppondo eleva-la, nobilita-o, declara seus netos aos gemeos, e substitue-lhes as vestiduras meio-ricas, meio-pobres, por bellos pellótes de brocados, forrados de martha no inverno. Volta o Rei para a Côrte, com a familia augmentada e, em testemunho de tamanho regosijo, manda celebrar umas justas em que entram os filhos do lavrador, apresentando-os com escudos d'ouro lisos e este mote:

«Se quieres saber quien san
los dos dorados pavezes
Hyjos de la hyja san
De Ordoño de Leon
y de Tello de Menezes» 15

O 1.º Conde de Barcellos — pertence á familia de Menezes cujo brazão se expli-



MOSTEIRO DE VILLAR DE FRADES

ca por esta lenda e que é o mesmo com que appareceram os filhos de Ximena na tal justa commemrativa — é D. João Affonso (Actoda mercê: 1288)¹⁶; este 1.º conde teve duas filhas, uma das quaes, D. Thereza Martins, funda com seu marido, D. Affonso Sanches, o convento de Santa Clara de Villa de Conde.

O 2.º conde de Barcellos, vem a ser, pelo casamento com a filha mais velha de D. João Affonso, D. Martim Gil de Souza (1304).

O 3.º conde, é

D. Pedro, (1314) o supposto auctor do *Nobiliario*, filho natural de D. Diniz, para quem passou o condado, por falta da descendencia dos 2.^{os} condes.

O 4.^o conde, como o anterior tambem não houvesse deixado descendencia e o condado por morte d'este voltasse á familia Tello de Menezes, é D. João Affonso Tello (1357).

O 5.^o conde é um filho d'este D. Affonso Tello de Menezes (1372), o qual morreu em vida do pae e sem descendencia, regressando o condado ao pae cuja morte o entrega a

o 6.^o conde, seu sobrinho D. João Affonso Tello, (1382) por influencia de sua irmã D. Leonor Telles; este irmão de Leonor Telles segue o partido de Castella, traidor a D. João 1, e morre em Aljubarrota d'uma settada, e o condado outra vez livre, passa, portanto, para D. João 1 que, grato aos grandes serviços do Santo Condestavel, o heroe d'Aljubarrota, o companheiro fiel do Mestre d'Aviz, dá o condado a Nun'Alvares que veio a Barcellos fundar a sua casa na rua dos Açougues.

O 7.^o conde, o Condestavel D. Nun'Alvares Pereira (1385) teve occasião de casar a filha com o primogenito de D. João 1, D. Duarte, futuro rei, e não quiz. Como se explica? Pelo orgulho de fundar, como fundou, uma casa illustre, em cujo brazão ficasse gravado o seu grande nome em vez de o sumir sob o nome d'um rei. E assim se comprehende que elle preferisse para genro D. Affonso, filho natural de D. João 1.

O 8.^o conde de Barcellos é, pois, D. Affonso (1401) esse genro de Nun'Alvares que lhe doou em vida o condado, augmentado com todos ou quasi todos os seus bens e fôros. D. Affonso era homem lido, colligiu biblioteca e reuniu antiguidades, formando com ellas o primeiro museu que houve em Portugal.

Segundo alguns, teria sido regente do Reino, na ausencia de seu sobrinho D. Affonso v, o qual sabendo que seu tio vivia ressentido por D. João 1 o não fazer duque — os filhos naturaes de D. João 1 reconheciam-se por usarem apenas o titulo de condes e os legitimos o de duques — deu-lhe então o titulo de 1.^o Duque de Bragança. A filha e genro do condestavel foram portanto

Os Fundadores da Casa de Bragança cujo primitivo solar foi em Barcellos, pois, foi nesta honrada e nobre villa que D. Affonso estabeleceu a sua residencia, levantando as parêdes dos paços dos Condes-Duques que ainda ahi attrahem amadores e curiosos.

D'aqui, por uma longa linha de descendencia, vem o condado de Barcellos e o ducado de Bragança até S. M. El-Rei D. Manuel 11, ao actual momento no thrôno de Portugal, que succedeu em todos os titulos da casa de Bragança. Logo que tenha descendencia passará para o filho varão o titulo de Duque de Bragança. D. Manuel 11 é o 27.^o Conde de Barcellos, o 21.^o Duque de Barcellos e o 26.^o Duque de Bragança.

No terreno onde outr'ora demoraram casas annexas aos Paços dos Condes-Duques e que o Municipio apeou para alargamento da rua que vae direita á Colle-

14 Ovos que se batem e fritam ao mesmo tempo, prato que algumas das antigas familias de Barcellos conhecem.

15 *Brazões da Sala de Cintra*, por Bramcamp Freire, livro que teve limitadissima tiragem não sendo posto á venda e fazendo-se apenas uma selecta distribuição particular.

16 As datas d'estas mercês não andavam bem averiguadas podendo nós dar este inedito graças ao trabalho do sr. Dr. Antonio Ferraz.

giada, murado e fechado, á espera de ser circuitado de gramma e de flôres, conserva-se

O Pelourinho

monumento gothico, absolutamente reconstituído como era, com a sua corrente bifurcada n'outras duas rematadas cada uma em sua gargalheira para exposição de criminosos. Não tem, porem, apenas o méro e vago interesse d'uma reconstituição mas sobretudo, o de ter sido armado com suas autenticas peças, achadas e discriminadas pela competencia do prestimoso barcellense Dr. Ferraz: a columna encontrada a servir de supporte a um candieiro de illuminação publica, o capitel gothico ressurgido do entulho removido na parte nova do edificio dos Paços Municipaes.

E, agora, uma vista d'olhos ao

Solar dos Pinheiros

que fica no extremo d'essa mesma rua, um passeio a Barcellinhos pela ponte que a liga a Barcellos até á ingenua Senhora da Ponte no extremo do viaducto e, contornando pelo poente os Paços do Concelho, para admirar a singelleza da

Casa do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira

na rua dos Açougues (vide foto-gravura da pag. 28) e, volvendo pela R. S. Francisco, entrar na Capella S. Francisco, antiga propriedade da familia dos Costas Chaves, mandada edificar por Fernão da Costa Chaves, fidalgo da Casa Real e escrvão em Barcellos, em 1575, a qual tem um portico curioso.

E toca para o hotel que o sol é de rachar.

Os fins da tarde offercem-se ao Jardim Publico, florido e bem cuidado como parque particular, ou ás margens inspirativas do Cavado.

Na manhã seguinte, o *Terço* com os seus azulejos e o seu pulpito; *St.^a Cruz*, curiosa de fabrica e de azulejos; a *Misericordia* com a sua *Nobliarchia* e a sua matta cariciosa.

Por fim, sem contar as derivantes de Vianna do Castello e Povia de Varzim ou uma *escapade* á praia da Apulia, ás Caldas de Eirôgo — aguas thermaes a meia hora de carruagem de Barcellos, — e á villa de Espozende, as circunvisinhanças: o contemplativo Valle do Tamel, a Franqueira e Ayro com as ruinas do mosteiro de Villar de Frades, monte de tradições e de lendas como o canta Antonio de Villas Boas e Sampaio n'este saboroso trecho do seu

Auto da Lavradora de Ayro

*Esta fonte, que vez, já foi pastora
 Tam liure & tam senhora
 De sua liberdade,
 Que hũa boa vontade
 Nunca pagou com outra, mas agora
 Sente o castigo, porque inda agora o chora.
 O vulgo, que entendia,
 Que era virtude sua tyrania,*

*Chamaualle a Virtude (que assi erra)
E este nome só tinha em toda a terra,
E assi era Virtude assi chamada,
Deste vale a pastora celebrada,
Flor destes campos, gala deste monte,
E veyo a parar tudo nesta fonte.*

*Foi o caso, que nesta aldeia auia
Hum pastor, que queria ;
Que à vista da guedelha penteada
O amasse Virtude, mas tam dada
Estaua ella à sua beatice,
Que chamaua doudice
As finezas de Ayrô, que a namoraua,
Porque assi se chamaua
Este pastor famoso
Mais celebre no amor, que venturoso ;*

*Era Ayrô de estatura levantada,
Sobrancelha arrugada,
Largo de espadua, negra cabelleira,
Vsua de polayna, & de galleira.*

*Virtude era pastora
Com brios de senhora,
Bem parecida moça com asseo,
Nam admitia amor, nem galanteo,
Mas tudo despresaua.
Hum rebanho de ouelhas, que guardaua,
Só era o seu cuidado,
Nisto gastaua o tempo, mal gastado,
Cada vez mais seüera,
Com pouco de mulher, muito de fera.*

*Succedeo que hũa tarde.
Iá quando (ao porse) o Sol nas agoas arde,
Decendo com seu gado desse outeyro,
Vinha Virtude ao longo do ribeyro.
Guiandoo ao curral, sem mais cuidado.
Mas a força do fado,
Que já a perseguia,
O destino cruel daquelle dia
Fatal para a pastora,*

*A vista lhe trouxe a Ayrô que nunca fora ;
Ayrô, que a viu, alegre, & prazenteiro
A foi buscar ligeiro,
Saudarãose, & Virtude já vermelha,
Como que se a mordera algũa abella,
Cada vez mais fermosa,
Em cada hũa das faces poz hũa rosa.*

*Elle a foi detendo vagaroso,
Encostado ao bordam, todo amoroso,
Dizendo-lhe mil cousas à porfia,
Atê que a noyte pode mais que o dia,*

*E mudando a luz de posto
Hia trespondo lá para o Solposto.*

*Queria irse a pastora, & nam podia,
Que Ayrò se atravessava no caminho,
Porfiana, mas elle lhe impedia
A passagem com rustico carinho,
Todo risouho, todo requebrado.
Atè que ella ficou, indose o gado.
E querendo romper tanto embaraço,
Detenea Ayrò pegandolhe do braço.*

*Ella insistia, & elle mais amante,
Passar queria anante,
E vsar de liberdade,
Violando a honestidade,
Com sacrilego intento.
Da casta donzella,
Que vendose em perigo tam violento ;
Sem lhe valer ahí manha, ou cantela.
Pos os olhos no Ceo, & com voz muda,
Chamou aos altos Deozes em sua ajuda.*

*E afastando de si forte, & valente
O mancebo atreuido, emcontinente
O rio erguerse em monte,
E ella transformada nesta fonte,
Por esse campo razo
Lhe vae fugindo rindo-se do caso ;
Porque assi quis dos Deozes a piedade
Encontrar a atreuida liberdade,
E com piedosa cantela.
Castigar o pastor, valer a ella.*

*Este he o monte de Ayrò, que estamos vendo,
E a fonte da Virtude, que correndo
Por esse valle em agoas se desata,
Que por esquina, & ingrata,
Quando era pastora,
Quis ser de tanto dano causadora.*



ERRATAS

<i>Pag.</i>	<i>Onde se lê :</i>	<i>Leia-se :</i>
2	Varre Camellos	Varre Canêlhas
5	aspecto de lapa	aspeito de lapa
10	quantos vassallos mais terão	quantos fieis e quantos vassalos mais terão
11	já bastantes completas	já bastante completas
29	porta latteral da	porta lateral da

